

ULYSSES BEZERRA

CARLYLE MARTINS

Dentre os beletristas conterrâneos o nome de Ulysses Bezerra merece registro especial, por haver sido o mesmo figura das mais curiosas e interessantes da terra cearense, em dias que distantes vão.

Filho de Joaquim Gonçalves Bezerra e Ana Golçalves de Oliveira, nasceu êle na antiga Vila de Arneiroz, nos sertões dos Irhamuns, a 6 de dezembro de 1865.

Em virtude da crise climática que devastou o Ceará, de 1887 a 1889, conhecida, na história, como a "Sêca dos três oitos", Ulysses Bezerra veio para Fortaleza no mês de abril de 1887, iniciando aqui os estudos primários, pelo que passou a freqüentar a escola dirigida pelo professor Tristão Pacheco Espinosa, a quem muito deve a mocidade de outrora.

Matriculando-se no Liceu, não terminou os preparatórios exigidos por Lei, pelo que abandonou o velho estabelecimento de ensino, em procura de outros rumos culturais.

Possuidor de conhecimentos da língua pátria e de literatura, especialmente de autores portugueses, Ulysses Bezerra, aos 22 anos de idade, surgiu na imprensa fortalezense, sendo que o primeiro artigo por êle subscrito foi estampado no jornal *A Idéia*, órgão da "Sociedade 25 de Março", onde pontificavam diversos rapazes de merecimento.

Algum tempo depois, passou a colaborar no órgão denominado *Meirinho*, que, imbuído do ideal republicano, fazia

propaganda da queda do Império. Ao lado de Adolfo Caminha, Américo Barreira, Antônio de Lafayette, Lopes Filho, Sabiro Batista, Tiago Ribas e outros, publicou no aludido jornal numerosas produções em prosa. Ao contrário dos que se iniciam nas letras, não consta que haja produzido versos de qualquer natureza.

Armado cavaleiro para os torneios do jornalismo e da literatura, ao ser organizada a "Padaria Espiritual" foi escolhido para um dos sócios fundadores, passando a figurar, no maior Silogeu dos outros tempos, ao lado das figuras exponenciais da época, tais como Antônio Sales, Álvaro Martins, Adolfo Caminha, José Carvalho, Jovino Guedes, Lívio Barreto, Sabino Batista e Temístocles Machado, que empunhavam, então, o centro da inteligência.

Espírito forte e dotado de capacidade de ação, Ulysses Bezerra foi um grande trabalhador, não se lhe podendo negar a probidade de que dispunha, quer como autor de páginas finalmente lapidadas, quer como ficcionista de acentuado mérito.

Colaborou nos seguintes jornais: *O Pão*, órgão da "Padaria Espiritual"; *Praça do Ferreira*, revista orientada por Bruno Barbosa, Francisco Gonçalves, Godofredo Maciel, José Sombra, Paulo de Aguiar e outros; *Fortaleza*, revista onde pontificaram Mário Linhares e Raul Uchôa; *Panóplia*, publicação das melhores, onde fulguravam as inteligências de Irineu Filho, Pedro de Queirós, Soriano de Albuquerque, Rodolfo Teófilo e diversas outras figuras da mentalidade cearense; e, finalmente, *A Jangada*, por êle fundada junto a Elcias Lopes, Gil Amora, Mário Linhares e Liberato Nogueira.

Desempenhou Ulysses Bezerra, por espaço de seis meses, o cargo de correspondente do importante jornal *Província do Pará*, que defendia os princípios políticos do senador Antônio Lemos, no ano de 1889, havendo escrito cêrca de 20 correspondências, focalizando assuntos de interêsse regional.

Foi êle, também, sócio honorário da "Mina Literária", de Belém; da "Iracema Literária" e da associação "11 de Janeiro", de Santana do Cariri.

Durante anos, Ulysses Bezerra desempenhou função burocrática na Secretaria do Interior e da Justiça, onde chegou a Diretor de Secção.

Falecido a 3 de agosto de 1920, nesta Capital, após uma existência dedicada ao culto das letras, deixou inédito um volume de crônicas e artigos, intitulado *Páginas Sôltas*, não se sabendo onde hoje se encontra êsse relicário de idéias e impressões, através de cujo contexto Ulysses Bezerra deve ter derramado um pouco da sua alma e do seu coração.